

ACERCA DA IGREJA E DA SINAGOGA: DISPUTAS DOGMÁTICAS NA OBRA APOLOGÉTICOS DE BEATO DE LIÉBANA

Raquel de Fátima Parmegiani

Prof^a Dr^a de História Medieval do Depto de História e do PPGH da Universidade Federal de Alagoas/*Vivarium* Núcleo Nordeste

Resumo: Este trabalho quer refletir, por meio da análise da obra *Apológico* escrita por Beato de Liébana no século VIII, sobre as rivalidades, conflitos e adaptações que marcaram o processo de constituição das práticas culturais da Igreja Cristã romana e da sua institucionalização. Interessa-nos aqui, pensar a forma como se forjaram os instrumentos de luta dentro de um debate que levou, anos mais tarde, à constituição efetiva de uma ortodoxia cristã e conseqüentemente, a discursos unificados quanto às proposições de práticas consideradas desviantes.

Palavras-chaves: Heresia; Ortodoxia cristã; Igreja Hispânica

ABOUT THE CHURCH AND THE SYNAGOGUE: DOGMATIC DISPUTES IN APOLOGETIC WORKS OF BEATO DE LIEBANA

Abstract: This work to want to reflect, through the analysis of the work *Apologetic* written by beatified of Liebana in the 8th century, on the rivalries and conflicts and adjustments that have marked the process of constitution of cultural practices of the Christian Church and Roman's institutionalization. We are interested to think how if construtium the instruments to fight within a debate that has led, years later, the constitution effective a Christian orthodoxy and consequently, to the speeches unified as the propositions of practices considered deviant.

Keywords: Heresy; Christian Orthodoxy; Hispanic Church.

Dois séculos de análise linguística mostraram que a linguagem não mais exprime as coisas, não mais dá presença e não mais é a transparência do mundo, mas sim um lugar organizado que permite atividades.

Michel de Certeau

As polêmicas que alimentaram o estabelecimento de uma ortodoxia cristã durante a Idade Média tiveram, na interpretação dos textos bíblicos, um apoio argumentativo de grande importância. Em larga medida, definir sua fé e suas práticas significou para a Igreja refutar a diversidade das correntes teológicas e dogmáticas cristãs, a partir da construção de discursos nos quais estas puderam ser condenadas no plano teórico, tendo como suporte para a argumentação, toda uma tradição exegética que recaía sobre os textos bíblicos.¹

É significativo nesse processo compreender as formas literárias e os métodos discursivos que alimentaram as polêmicas em torno do estabelecimento de uma determinada imposição e/ou restrição dos usos de determinados livros bíblicos e traduções autorizadas destes, assim como de determinados trabalhos de cunho teológico. Segundo Jean-Daniel Dubois, entre o período do cristianismo antigo do apóstolo Paulo e as obras de Justino na metade do século II, é possível perceber um deslocamento progressivo em direção a uma preocupação para com doutrinas divergentes:

(...) No Novo Testamento, a ausência do termo ortodoxia ou heterodoxia não deve surpreender num período em que ainda não há ortodoxia; também não há um cânon escriturístico, afóra a Bíblia judaica. No entanto, a percepção crescente das dissensões, engendradas pela existência de doutrinas divergentes, leva certos autores do fim do primeiro século ou do início do segundo a exortar os fiéis a não ensinar uma

¹ Michel de Certeau, em um artigo intitulado “A linguagem da violência” destaca o papel da linguagem na legitimação poder de um grupo social. Para ele, até a constituição do Estado moderno, o poder: compensava o que proibia fazer por aquilo que permitia crer. Ele podia contar com credibilidade de um Deus, de um homem ou de uma categoria social, isto é, de um outro, para compensar a resistência dos indivíduos ou dos grupos às proibições lançadas contra eles. Ele jogava com essa autoridade ligada a uma delimitação visível do outro, para obter a renúncia e o reconhecimento nos setores, ainda localizados, não cessou de estender o domínio do público e de ocultar sua relação com um poder particular. (...). CERTEAU, Michel de. A linguagem da violência. In: CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 2012, pp. 87-97, p. 91.

outra doutrina (1Tm. 1, 3;6, 3); por volta do ano 110, Inácio de Antioquia se dirige assim aos cristãos da cidade de Magnésia, na Ásia menos: “Não vós deixeis seduzir por doutrinas estranhas, nem por velhas fábulas sem utilidade” (8,1; cf. também ad Trall. 6,1; ad Ephes. 16, 2). Inácio visa também a tendência judaizante de uma corrente de pensamento que reduzia a vida e a morte de Jesus a apenas uma aparência. Notar-se-á que aqui a percepção da identidade cristã caminha ao lado da impressão de que o cristianismo se deixa seduzir pelas doutrinas estrangeiras; é nesse período que o termo Christiano, os cristãos (At. 11, 26;26,28;1Pd. 4, 16), começa a ser percebido como uma entidade histórica coletiva, o cristianismo, como uma maneira de ser e de se comportar dentro da sociedade romana (Inácio, ad Magn. 10.3).²

É a obra de Justino - um tratado contra as heresias que não chegou até nós- que, para Dubois, trouxe uma primeira referência ao termo heresia (vocabulário heresia vem de um verbo grego que se traduz por “tomar”, assegurar” e, por isso, “escolher”, eleger”, ser, portanto, adepto de uma corrente de pensamento) como escolha contrária à fé cristã. A abordagem desse autor influenciou todo o desenvolvimento da apologética cristã posterior. No mundo latino mais propriamente dito, este gênero literário apareceu efetivamente com as obras de Tertuliano de Cartago, que no ano 197 escreveu *Ad Nationes* e o *Apologeticum*, seguidos pelo *De testimonio animae* e pelo *Ad Scapulam*, uma carta-aberta ao procônsul da África, perseguidor dos cristãos.

Os tratados contra as heresias passaram a ser produzidos, a partir daí, de forma cada vez mais frequente dentro da patrística latina. Autores como Agostinho e Jerônimo, por exemplo, escreveram diversas obras, cuja problemática a ser discutida era a refutação de teses adversas ou, como nomearam os próprios autores: doutrinas divergentes defendidas pelos “falsos doutores”.

É dentro desta tradição de escrita que vamos analisar a obra Apologético, escrito pelo Beato de Liébana no final do século VIII. Esta escritura tem como principal elemento de composição a refutação da tese adopcionista, defendida por parte do corpo eclesiástico da Península Ibérica. Bastante aceita pelos cristãos das áreas sob o domínio muçulmano, essa

² DUBOIS, Jean-Daniel. Polêmicas, poder e exegese: o exemplo dos gnósticos antigos no mundo grego. In: *Inventar a Heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009, pp. 15-38, p. 41

ideia difundiu-se também ao Norte, no reino independente de Astúrias e contou com a oposição do Beato e seu discípulo Etério, apesar de já estar bastante divulgada pela região.

O trabalho do Beato e a documentação em seu entorno são, nesse sentido, uma documentação importante para pensarmos a vitalidade das divergências dogmáticas e dos conflitos políticos entre os grupos que faziam parte do corpo eclesiástico dentro da Península Ibérica, no que tange ao processo constituição dos dogmas e das práticas culturais da Igreja cristã. Nos interessa aqui pensar a forma como se forjaram os instrumentos de luta dentro de um debate que levou, anos mais tarde, à constituição efetiva de uma ortodoxia cristã e conseqüentemente, a discursos unificados quanto às proposições de práticas consideradas desviantes.

1.A Hispânia no contexto da Reforma Carolíngia

O adocionismo, embora não fosse intenção dos seus defensores (Elipando³, arcebispo de Toledo e Felix, bispo de Urgel) retomar as teses dogmáticas já condenadas pelos concílios ecumênicos - arianismo, o monofismo e o nestorianismo -, trazia uma interpretação em relação à divindade de Cristo que, em larga medida, se opunha ao que ficara decidido Niceia no ano de 325. Segundo essa doutrina, Jesus era, enquanto homem, filho adotivo de Deus, o que correspondia, em muitos aspectos, à presença muçulmana na Península e ao rígido monoteísmo do Corão que rapidamente chocou-se com os princípios básicos de Encarnação e Trindade cristãs.

Esta questão dogmática tomou força na Península Ibérica com a posse de Elipando em 873 à sede metropolitana de Toledo. No concílio de Sevilha (784), ele escreve a frase que iria dar corpo a toda a batalha adopcionista neste contexto histórico: *“E este é ao mesmo tempo Filho de Deus e do homem, filho adotivo na sua humanidade e não adotivo na sua divindade, que redimiu o mundo”*.⁴

As diversas regiões que compunham a Igreja hispânica, embora sob autoridade de Toledo, encontravam-se submetidas a realidades políticas muito diferentes. Ao sul reinavam

³ Elipando foi arcebispo de Toledo por volta do ano 783, e exerceu sua autoridade sob o povo e o clero cristão da Espanha muçulmana e da Marca Hispânica (grosso modo, a atual Catalunha) tomada pelas tropas carolíngias e do nascente reino de Astúrias.

⁴ Símbolo da fé de Elipando. In: BEATO De LIÉBANA. OBRAS COMPLETAS Y COMPLEMENTARIAS. Vol. I. Madrid: BAC, 2005, p.713.

os muçulmanos, ao norte os reinos cristãos e na região que hoje, em grande medida, está a Catalunha, os francos exerciam uma forte influência. Dentro deste contexto político, é possível vislumbrar uma proximidade muito maior entre a Igreja localizada nos reinos cristãos e o governo carolíngio, do que àquela que estes nortenhos mantinham com Toledo. Por conseguinte, o chamado renascimento cultural carolíngio, ao menos no que tange à reforma litúrgica, teve influência na Igreja de Astúrias. Um dos principais promotores da reforma, o monge anglo-saxão Alcuíno⁵, participou de maneira ativa em apoio ao Beato de Liébana na disputa teológica adopcionista.⁶

Neste mesmo sentido, podemos pensar na influência do papado na região de Astúrias. A aliança entre a Igreja romana e os carolíngios, colocou em movimento um projeto de fortalecimento da Igreja partindo de Roma. A reforma cultural e litúrgica iniciada com Pepino em território franco, contou sem dúvida com essa contribuição. Pierre Riché salienta que:

Ces Italiens ont certainement contribué à la romanisation du culte em pays franc. Sans reprendre les travaux consacrés à la question, rappelons que Pépin a commencé cette réforme liturgique em accord avec le pape et avec l'aide de son frère Rémi et de Chrodegang de Metz. C'est ce dernier qui a introduit dans as ville de Metz les coutumes de l'Église romaine et qui a été sans doute l'instigateur sinon l'auteur du "Sacramentaire gélasien" que le manuscrit de Gellone nos a conserve. Cette compilation fut certainement faite dans les milieux de la cour mais il a fallu quelque temps pour appliquer la reforme. Sinéon, "secondinus" de la Schola cantorum vient à Rouen pour initier les clercs aux modulations de la psalmodie romaine. Puis les clercs de Rouen et de Metz vont faire des etages à Rome.⁷

⁵ Alcuíno (735-804) natural de Nortúmbria, iniciou sua carreira como bibliotecário da catedral de York. Em 782 passou a fazer parte da corte de Carlos Magno, tendo papel proeminente na Renascença Carolíngia. Fundou uma importante biblioteca e escola na abadia de São Matinho de Tours, onde foi abade nos últimos anos de sua vida (790-804).

⁶ Alcuíno escreveu uma série de cartas em seu nome e em nome de Carlos Magno, além uma obra intitulada *Sete livros contra Felix*, nos quais o autor condena o adopcionismo defendido por diversos bispos da Igreja hispânica, como por exemplo Felix e Elipando. Ver a documentação de cartas, livros e concílios sobre essa questão em: BEATO De LIÉBANA. OBRAS COMPLETAS Y COMPLEMETARIAS. Vol. II. Madrid: BAC, 2005.

⁷ RICHÉ, Pierre. *Écoles et enseignement dans le Haut Moyen Age. Fin du V^e siècle – milieu du XI^e siècle*, Paris: Picard Éditeur, 1999, p. 68.

Não podemos, é claro, deixar de lado a crítica historiográfica contemporânea em relação ao processo de centralização do poder papal. No século V, o papa Leão I pôde afirmar que o Império, submetido pela paz de Cristo, era maior que o dominado pelas armas, para os séculos seguintes, Girolamo Arnaldi afirma que:

*(...) seus sucessores, em compensação, defrontaram-se com uma multiplicidade de reinos em que os invasores germânicos foram se juntar às populações nativas mais ou menos romanizadas e cristianizadas: ora, esses recém-chegados eram na maioria pagãos, mesmo quando seus chefes haviam abraçado o cristianismo, sempre escolhendo, aliás, o arianismo condenado em Nicéia, em 325. Como as relações entre Roma e as Igrejas do Ocidente tinham se tornado raras, essas tiveram tendência a se organizar em torno do soberano do reino na qual elas estavam estabelecidas. (...)*⁸

Entretanto, nossa documentação nos deixa margem para pensarmos em um projeto de uma Igreja universal que se estrutura e busca se legitimar por meio da ideia de autoridade dos pais da Igreja e de suas obras. A argumentação contra o adocionismo presente seja na obra do Beato, seja dos seus apoiadores, está toda ela voltada a legitimar da Igreja como um só discurso: a tradição e a autoridade dos pais da Igreja estão aqui a disposição de uma unidade cristã, como bem nos mostra Alcuíno:

*(...) nesta obra me esforcei para provar a verdadeira fé católica por meio do testemunho dos Santos Padres, a saber, São Jerônimo e Santo Agostinho, Gregório Papa de Roma, Hilário bispo de Potiers, também o Santo papa Leão e o bispo Fulgência, Ambrósio bispo de Milão e São Cirilo o valente lutador contra Nestório, Pedro bispo de Ravena, o presbítero São Bêda, o Gregório Nazianzeno, assim como o hispano Isidoro e Juvenco o literato, que são da mesma região (hispanos).*⁹

O prestígio que os papas que se proclamavam sucessores de São Pedro acabaram por acumular, em especial durante o século V, permitiu-lhes, a despeito de uma nova situação

⁸ ARNALDI, Girolamo. Igreja e Papado. In: LE GOFF, Jacques e SCHITT, Jean-Claude. *Dicionário do Ocidente Medieval*. Vol. I. Bauru, SP: Edusc, 2002, p. 571.

⁹ ALCUINO DE YORK. Sete livros contra Felix. In: *BEATO De LIÉBANA. OBRAS COMPLETAS Y COMPLEMETARIAS*. Vol. II. Madrid: BAC, 2005.

como foi aquela que se seguiu à aliança com os carolíngios, constituir um pólo de referência para as Igrejas nacionais do Ocidente. Embora o bispo romano tenha corrido o risco, dentro dessa aliança, de se tornado bispo da Igreja territorial franca, o que se configurou por fim, foi uma ideia de cristandade universal:

(...) Se tal submissão finalmente não ocorreu foi porque, indo no sentido que Bonifácio havia indicado, a Igreja territorial (ou se preferir, nacional) franca tendia a colocar-se como Igreja universal, e espontaneamente se reconheceu no culto de São Pedro e reivindicou sem restrição o ensinamento de Roma. (...)¹⁰

Isto fica claro no fato de que em 794 no Concílio de Frankfurt, determinado e presidido por Carlos Magno, não houve a inauguração de uma nova série de concílios ecumênicos imperiais. A operação que objetivava uniformizar ritos e regras das igrejas e mosteiros dentro dos territórios carolíngios contribuiu para colocar em evidência o estatuto de uma Igreja Universal. E embora o papel desempenhado pelos bispos de Roma nessas decisões quase sempre tenha sido de simples transmissor, o fato é que Carlos Magno agia sempre em nome de Pedro e de Roma.

Para Jérôme Baschet essa aliança significou uma primeira afirmação do papado como verdadeiro poder e, mais amplamente da Igreja Ocidental. A partir daqui a Igreja pôde, em certa medida, construir uma rede de comunicação entre seu corpo clerical, principalmente no que tange as obras teológicas e bíblicas.¹¹

Sem dúvida, a reforma gramatical pela qual passaram os textos cristãos e a ênfase na alfabetização do clero que caracterizou a reforma carolíngia, possibilitou um maior cuidado com a unidade da interpretação dos textos bíblicos e dos trabalhos teológicos. É fato que a má qualidade gramatical, a divergência na composição da escrita entre manuscritos da mesma obra, a diversidade de tradução de textos gregos e hebraicos, etc, era um dos maiores problemas enfrentados pelos bispos, posto que estes conflitos textuais agravavam as possibilidades interpretação acerca do que seria a verdadeira doutrina e/ou a verdadeira fé. A

¹⁰ ARNALDI, *Op. Cit.*, p. 571.

¹¹ BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo, 2006, p. 72

leitura destas obras poderia levar a desvios nos dogmas que foram, por exemplo, estabelecido em Niceia em 325. Para Peter Brown esses desvios textuais se davam, simplesmente, porque o texto sofria adaptações no trabalho de transcrição:

(...) Na Gália, na Itália e na Hispânia o latim era muitas vezes escrito de forma incorreta porque aqueles que o transcreviam estavam convencidos de que ainda sabiam latim, apesar de já pensarem e escreverem em línguas que se aproximavam mais das línguas românicas. O resultado era a rusticidade, de um latim tão descuidado, pessoal e, por isso, tão imprevisível que se tornava quase impossível de ser entendido por estranhos, e ainda menos copiado por eles.¹²

O processo de legitimação de um determinado núcleo da fé a partir da sede de Roma, necessitava de um controle sobre toda escrita cristã. Para que os textos pudessem passar de uma região a outra, sem serem “mal interpretados”, era necessário que fossem escritos numa gramática corrigida e que se mantivessem certas regras de produção dos manuscritos a partir das oficinas ligadas a mosteiros e palácios. E foi, em certa medida, a isso que a reforma cultural liderada por Alcuíno se prestou.

Houve claramente uma vinculação entre a Igreja do Norte da península Hispânica e este projeto de uma Igreja Universal que se articulou a partir de Roma e do Império carolíngio. Evidentemente, não podemos afirmar, para o século VIII, a perspectiva de uma centralização do poder na figura do papado romano, no entanto as cartas trocas entre o papa Adriano I com os bispos da Península Hispânica, sobre a questão adopcionista, nos dão vestígios dessa aproximação. O que não se deu na mesma forma como o Elipando – bispo de Toledo: “*L’adoptianisme d’Elipando de Tolède, combattu em Asturies est bien ruçu à Urgel, situe dans la Marche d’Espagne. Charlemagne et ses conseillers ecclesiastiques s’engagent dans une longue controverse avec les clerics espagnols, controverse dont le Concile de Francfort de 794 est couronnement (...)*”.¹³

¹² BROWN, Peter. *A Ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Editora Presença, 1999, p. 300.

¹³ *Ibid.* p. 85

Assim, é possível vislumbrar que houve por parte do Beato, uma colaboração – a partir da refutação que fez ao adocionismo em suas obras – com um processo que levou à Igreja de Astúrias a se desvincular de Toledo e abrir-se a influência carolíngia e romana.

É, portanto, frente a estas questões políticas que envolveram a relação entre a diocese de Toledo, os Reinos Cristãos ao Norte da Península, o Império Carolíngio e o papado romano que se constituiu a obra *Apologéticos* escrita pelo Beato. A vivacidade dos conflitos internos da Igreja, no que tange ao processo de unificação da ortodoxia cristã e hegemonia do papado romano, gestaram por fim, o que passou a ser denominado cristandade Ocidental e, esse processo implicou na definição e controle centralizado de práticas rituais, litúrgicas, sacramentais, interpretações de textos canônicos etc., e conseqüentemente, na refutação de projetos de Igreja divergentes.

2.Ortodoxia e heresia na Alta Idade Média

É preciso pensar, para a Alta Idade Média, como os autores eclesiásticos definiam ortodoxia e heresia. Segundo Jean-Pierre Weiss, o herege poderia ser definido, para este período, como aquele que rejeitava tal doutrina de tal concílio preciso. Futuramente, no entanto, será aquele que não reconhecer, ou der a impressão de não reconhecer, uma doutrina fundada sobre a tradição em sua totalidade¹⁴ e, embora já se pudesse falar, desde o concílio de Calcedônia (451 d. C) em uma doutrina minimamente constituída e em um catálogo de heresias maiores, não seria possível ainda reconhecer uma doutrina em sua totalidade.

A reflexão sobre a heresia deve ser restituída ao campo das dificuldades gerais vividas pelo cristianismo do segundo século. Segundo Dubois:

(...) a ruptura com o meio sociológico judaico desenvolvida por Marcião e o marcionismo, a persistência de práticas judaicas (alimentares, calendários, culturais em geral) no seio das comunidades cristãs, mas também a floração de grupos que os Pais da Igreja qualificarão mais tarde de gnósticos; tudo isso contribui para o manuseio de discursos de exclusão em que a heresia ganha em força e em precisão, a ponto de dar nascimento a um gênero literário novo, o

¹⁴ WEISS, Jean- Pierre. O Método Polemico de Agostinho no contra Faustum. In: ZERNER, Monique (org.) *Inventar a Heresia?: discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, pp.15-38, p. 16.

*tratado heresiológico, que é a exposição seguida da refutação de uma ou de várias doutrinas (...).*¹⁵

Considerando que no século VIII, os concílios já haviam definido muitos dos aspectos dogmáticos do cristianismo, podemos dizer que o Beato tinha ao seu dispor toda uma tradição escriturária para desenvolver um documento, cuja finalidade primeiro seria combater ideias que ele considerava não condizentes com a fé que professava e esta última estava resumida nos cânones dos quatro primeiros concílios ecumênicos (Nicéia em 325, Constantinopla 381, Éfeso em 431 e Calcedônia em 451): “*Alguns não entendem porque este texto se chama Símbolo. Símbolo é, em grego, o que em latim significa “indicador” e “reunião”. É um indicador porque indica aquilo em que se deve crer, a saber, em um só Deus Pai, Filho e Espírito Santo (...)*”.¹⁶

A intenção do autor, à primeira vista, parece ter sido responder à acusação que o arcebispo de Toledo, Elipando, fez a ele e a Félix em uma carta dirigida ao bispo Etério, de que eles fossem heréticos por não concordarem com o adocionismo:

*Escrevemos contra suas acusações, nas quais não cansam de nos chamar de hereges, ignorantes da fé e discípulo do Anticristo, este Apologético não se fará à maneira de panegírico, discurso mentiroso, nem com sermões obscuros que se escondem na fumaça da eloquência, mas com palavras claras, para que possam ser entendidas por todos que a ouvem. O Apologético é a justificação na qual, para minha defesa própria, se responde aos que me acusam. E por isso respondemos aos acusadores e nos encontramos pela graça de Deus, limpos de heresia.*¹⁷

No caso em questão, portanto, as disputas doutrinárias se deram entre aqueles que faziam parte do corpo eclesiástico, homens cultos da Península Ibérica, conhecedores dos textos bíblicos e da tradição exegética ligadas a eles. Os defensores do adocionismo não se viam contrariando à fé confessada nos primeiros Concílios: acreditavam no Deus uno e trino – em Jesus Verdadeiro Deus e verdadeiro homem e que em Jesus há uma só pessoa -, mas na

¹⁵ DUBOIS, op. Cit, p. 43

¹⁶ BEATO De LIEBANA. Apologético, In: *Obras completas y complementarias. Vol. I*, Madri: BAC, 2004, Livro I, 87.

¹⁷ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro II, 1.

tentativa de relacionar a unidade entre divindade e humanidade de Jesus, por não compreender que a unidade se realizava na pessoa, que a filiação pertencia à pessoa e, que o que era filho por natureza não poderia ser por adoção, afirmavam que em Jesus haveria uma dupla filiação: enquanto Deus, era filho próprio e natural de Deus, mas enquanto homem, era filho adotivo de Deus.

O adjetivo herético aqui, como o Beato deixa claro, refere-se aos doutores da Igreja, conhecedores dos textos bíblicos, dos escritos patrísticos: “(...) *todos os heréticos são filósofos, porque um homem rústico não pode ser chamado herege, pois estas águas são do Egito, quer dizer, doutrina perigosa e obscura dos hereges que filosofam; com razão se converte em sangue, porque conhecem de maneira carnal as Santas Escrituras (...)*”.¹⁸ Homens, portanto, que ocupavam um lugar, dentro do corpo eclesiástico, responsável pela pregação, pelo ensinamento da fé cristã nas suas Catedrais, daí o peso das afirmações destes homens:

*Agora os bispos ocupam as catedrais dos doze Apóstolos e, cumprem a missão da pregação dos Apóstolos, sem imitar os Apóstolos na fé, nas obras e na pregação. E eles são a Igreja, porque são apóstolos. E estão na Igreja, porque permanecem na doutrina do Apóstolo; e no batismo que administram em suas mãos, os mesmos que são batizados são chamados para dentro da Igreja, porque ninguém é batizado sem que dê seu nome. E estes os instruem também na fé e nas obras, que devem crer e como devem viver, da maneira que possa, com sua própria vontade, manifestar o Símbolo apostólico da fé: crer em Deus Pai todo poderoso. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Deus e Senhor nosso, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria. E no Espírito Santo. Nesta fé foram batizados; e renunciam ao diabo, e a seus anjos, a sua obra e a seus mandos.*¹⁹

O desafio do Beato ao escrever esta obra esteve, por conseguinte, em combater os argumentos construídos em defesa do adocionismo por um homem que conhecia a mesma tradição literária e os mesmos mecanismos de construção da escrita (retórica, gramática, etc.) que lhe estavam disponíveis. Daí a acusação que faz à escrita de Elipando de que esta, na carta enviada ao Abade Fidel, comportar-se-ia como um panegírico – gênero literário cuja

¹⁸BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro I, 51.

¹⁹ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro II, 34.

função é o enaltecimento de figuras como os reis e que, portanto, excede no uso da eloquência -, ao contrário de seu próprio texto que se organizaria fundamentado em leis canônicas e textos bíblicos, sendo árido em suas construções frasais: “*O panegírico é um gênero livre e adornado em louvor aos reis, e em seu conteúdo há muita falsidade. Nós, no entanto, não vamos incluir mentira em nossos apoloéticos em louvor a qualquer rei terreno, mas falaremos sobre a verdadeira fé, que vamos retirar das fontes dos discípulos da verdade*”.²⁰

3. Contra os heréticos: usos da tradição exegética na escritura apoloética

O *Apoloético* escrito pelo Beato foi composto em duas partes. Na primeira o autor dialoga com trechos da carta de Elipando a Fidel, embora essa não seja reproduzida na íntegra. Os concílios de Niceia, Éfeso, Constantinopla e Calcedônia são chamados pelo autor o tempo todo a testemunhar a incoerência das afirmações do arcebispo. Há aqui a exposição de um sistema de autoridade em vigor, constituído a partir dos cânones conciliares e da tradição exegética, que significa a própria instituição eclesiástica, da qual o autor se apropria para fazer prevalecer na construção do texto, um sentido de verdade que se sobrepõe às ideias que pretende combater.

Na segunda parte, influenciado pelas regras de interpretação dos textos bíblicos escritas por Ticônio²¹ no século II – principalmente a que faz referência à Igreja como corpo bipartido entre bons e maus -, o Beato justifica a presença destes falsos doutores dentro da Igreja a partir da perspectiva de que eles são parte da experiência terrena que esta se vê obrigada a enfrentar. Elipando seria neste contexto, portando, parte de uma realidade que a Igreja, peregrina na terra, deveria conviver como forma de provação da fé verdadeira, até o dia do Juízo Final. Ele é, então, elencado com os vários homens que - numa sequência cronológica construída pela própria definição e disposição dos textos bíblicos do Antigo e

²⁰BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro II, 1.

²¹ Ticônio (330-390) foi um autor donatista, porém opôs-se a afirmação de que a eficácia do batismo dependia da dignidade moral do sacerdote que o administrava, o que o levou a ser condenado por um concílio donatista em 380. Defendeu também, como característica essencial da Igreja verdadeira, a universalidade, desmentindo, assim, a tese de que os seguidores do donatismo formavam a Igreja dos perfeitos, visto que, segundo Ticônio, existiam também ali, claramente, bons e maus. Um dos seus escritos mais importantes foi uma regra para a escrita de comentário aos textos bíblicos retomada por muitos autores patrísticos como Santo Agostinho por exemplo.

Novo Testamento num único livro -, desde o tempo dos patriarcas até o período contemporâneo ao autor, foram acusados de falso testemunho da fé:

Chamamos na verdade pais dos hereges àqueles que chamamos heresiarcas. De sua pervertida pregação, quer dizer, semente verbal, foi engendrado o erro no povo que os seguiu. Mas a Santa Igreja não se digna a incluir como guardiões da fé os que são pais das heresias, porque, declarando que são inventores dos erros, os rechaça e os deprecia cortando-os dentre os verdadeiros pais. E como não opinam ortodoxamente sobre Nosso Senhor Jesus Cristo, não os considera guardiões da fé, porque não os cita entre os pregadores retos. É claramente manifesto que Ário, Fotino, Bonoso, Macedônio, Nestório, Eutíquio, Dióscoro, Severo e, agora em nosso tempo, Elipando, que muito semelhante a estes, se tem esforçado com seus ensinamentos e conselhos em zombar da Igreja e em ser considerado pai. Mas a santa Igreja Católica, examinando seus erros com o rigor da verdade, não os enumera entre os guardiões da fé àqueles que condena por destruir a unidade da sua fé. Destes diz pela boca de Paulo aos efésios: Sei que depois de minha partida se introduzirá entre vocês lobos cruéis que não perdoarão o rebanho.²²

Podemos perceber na obra uma formulação dos pontos essenciais do cristianismo definida pelos cânones conciliares - repousando sobre uma tradição de regras de interpretação dos textos bíblicos de escritores cristãos anteriores -, principalmente, no que tange à condenação que ela faz do arianismo, monofismo e nestorianismo. É importante destacar aqui o papel dos livros que constituíam o cânone bíblico no medievo, na fundamentação da ordem social. Desde a Antiguidade houve um intenso trabalho de exegese que buscou atribuir uma interpretação autorizada da Bíblia. Até o século XII os comentários bíblicos não se diferenciavam dos próprios livros canônicos. A bíblia era constituída por seus livros e os comentários a eles²³. Há todo um trabalho da patrística em substituir o sentido de lei da Torá e de história de Israel do Antigo Testamento, por uma interpretação simbólica que coloca

²² BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro II, 94.

²³ DAHAN, Gilbert. Les Pères dans l'exégèse médiévale de la Bible. In: *Revue des sciences philosophiques et théologiques* 2007/1 (TOME 91), p. 109-127. DOI 10.3917/rspt.911.0109. Visto em 20 de junho de 2015, <http://www.cairn.info/revue-des-sciences-philosophiques-et-theologiques-2007-1-page-109.htm>.

esses livros numa perspectiva de anúncio da figura de Jesus, assim como da relação deles com a história presente da Igreja (aquela na qual o autor estaria inserido).

Estas foram as bases para a construção da defesa da fé cristã, de onde fala o autor. Predomina na obra a concepção hierárquica da Igreja, própria da eclesiologia daquele momento, a qual coloca o bispo de Roma como ápice de desta pirâmide. Para Hernández o:

*(...) contexto jerárquico, tanto del Apologético como del Comentario contienen una defensa del papado, que se contraponen a la actitud, por los menos de reserva, que se aprecia en las obras de Elipando, y que es herencia de las relaciones especialmente frías y tensas entre la Jerarquía hispana de la Iglesia visigoda y el romano pontífice en los años que precedieron a la invasión musulmana.(...).*²⁴

Sua narrativa procura, sem dúvida alguma, legitimar a hegemonia dos dogmas como foram definidos nos concílios, por meio do conceito de universalidade, da totalidade que estaria arraigado nestas normas:

*O símbolo que dentro do sacrifício, o povo todo clama, foi elaborado no concílio de Nicéia, na reunião dos santos Padres em 325. Estas regras da verdadeira fé trazem tanto os mistérios da doutrina da fé, e fala de todas as partes dela, que não há heresia que não tenha lhe dado resposta usando cada uma das suas frases. E por isso, o povo proclama em todas as Igrejas a mesma confissão. A benção que os sacerdotes dão ao povo, estabelece e comprova a antiga benção mosaica. Porque sem manda-se abençoar o povo com mistério da invocação da trindade. Pois o Senhor disse a Moisés: Assim dará a benção ao meu povo e eu lhes abençoarei.. Que o Senhor te dê a benção e te guarde, que Ele ilumine seu rosto e se apiede de ti, retire o Senhor seu rosto de sobre ti, e se apiede de ti, retire seu rosto de sobre ti e te conceda a paz...*²⁵

Percebe-se na citação acima que o Antigo Testamento – representado aqui pela figura de Moisés – é utilizado pelo Beato, por meio do método tipológico de interpretação exegética, que busca ler neles o anúncio do que seria depois confirmado pelos Evangelhos, pela formação da Igreja e do próprio cânone instituído pelos quatro primeiros concílios. Há, sem

²⁴ HERNÁNDEZ, op. cit, p. 669.

²⁵ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro I, 74.

dúvida, um uso significativo da tradição exegética em todas as formas de produção escriturária eclesiástica do medievo, que se faz comprovada no gênero apologético.

A utilização de partes do texto bíblico num processo de deslocamento do restante da narrativa original dos mesmos, é parte de uma tradição de escrita que nasce junto aos primeiros comentários bíblicos e, encontrava-se não apenas no método tipológico de exegese, mas também no alegórico²⁶ - no qual os elementos literários dos textos bíblicos são interpretados dentro de um jogo de signos que se inter cruzam na narrativa e que deveriam ser entendidos segundo uma referência vertical, anafórica, cujo sentido seria a *Significação* de todas as significações: Deus.

Embora esta técnica de escrita torne difícil a leitura da obra devido à variedade de temas e o encadeamento de fragmento de textos teológicos e principalmente bíblicos, isso não impede a percepção da linha argumentativa do autor: combater a afirmação de que Jesus seja filho próprio e natural de Deus em sua divindade e filho adotivo em sua humanidade; ao mesmo tempo que reafirma a fé professada no concílio de Niceia ligando-a a uma ideia de fé “verdadeira” e universal:

*Creio em Deus Pai, todo poderoso e em Jesus Cristo, seu único filho, Deus e Senhor nosso, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria. Com estas três afirmações se destroem quase todos os heréticos. (...) a fé verdadeira entregue pelos Apóstolos está neste breve símbolo. Não contém a filosofia do mundo; é fácil, clara a todos os ignorantes e conhecida de todos os cativos e peregrinos. E para dizê-lo de uma maneira mais completa, estabelecida publicamente para toda a Igreja, que existe em todo o universo. Neste breve símbolo está resumido o que cada um deve crer.*²⁷

A repetição das partes que compõem o Credo, a reafirmação desta oração por meio da ancoragem nos testemunhos dos textos bíblicos do Antigo e Novo Testamento e a

²⁶ João Adolfo Hansen nos diz que a alegoria, operada como hermenêutica (grego herméneia, herméneuien = transporte, transferir, termos traduzidos pelos latinos por interpretativo, interpretare, “interpretação, “interpretar”), foi entendida na Alta Idade Média, como uma técnica da interpretação que decifra significações tidas como verdades sagradas em coisas, homens, ações e eventos das Escrituras. HANSEN, João Adolfo. *Alegoria. Construção e interpretação da metáfora*. São Paulo, SP: Hedra; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p. 92.

²⁷ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro I, 36.

universalização desta fé, têm como desfecho a negação da própria autoridade de Elipando e da Igreja que comanda:

*(...) Deus não quer que por sua opinião percamos o nome de cristãos e, não nos chamemos mais cristãos, mas elipandianos. Quem assume tua fé recebe este nome como os arianos de Ario, os sabelianos de Sabélio e os demais nomes de seus Mestres (...) Não encontraremos neste ou naquele, “adotivo em sua humanidade, e não adotivo em sua divindade”. Lendo as sete epístolas canônicas: duas de Pedro, três do apóstolo João, uma de Judas e outra de São Tiago, não encontrará isto escrito. Lendo os livros dos quatro Evangelhos, o Apocalipse de João e o Atos dos Apóstolos, vemos que eles chamam Filho de Deus, Deus verdadeiros, lendo o livro de todos os doutores, até os livros manuais, não encontraremos tais coisas.*²⁸

Essa depreciação se faz em favorecimento da fé que o autor considera verdadeira, o que por sua vez, legitima a Igreja à qual está ligado: o papado romano: “(...) conosco estão os doze Patriarcas. Conosco estão os dezesseis Profetas, os Apóstolos, os Evangelistas. Conosco estão os mártires e os doutores. Conosco está Jesus, filho da Virgem, com toda sua Igreja, adquirida com seu próprio sangue e estendida por todo o universo”.²⁹

Um exemplo bastante significativo do uso feito pelo autor de fragmentos dos textos bíblicos para ancorar os cânones defendidos pelos quatro primeiros concílios (principalmente no que tange à divindade de Cristo) e a própria ideia de universalidade da Igreja de Roma proposta pelo papado, está na utilização dentro da obra, do livro de Mateus. A argumentação parte da afirmação de Jesus a Pedro que, dentro da tradição patrística, é fundadora da Igreja cristã – “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja (Mt 16,18)”³⁰. A voz de Pedro coloca-se como o grande testemunho das duas naturezas de Jesus: “(...) Como manifestam diversas opiniões, uns dizem: tu és Elias; outros Jeremias; outros João

²⁸ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit., Livro I, 49.*

²⁹ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit., Livro I, 50.*

³⁰ *Devemos ter presente que toda a ontologia e toda a epistemologia que se esforcem por fornecer os critérios da realidade e do conhecimento válido, independentes das reações do auditório, funda-se necessariamente sobre a reação privilegiada – a evidência, a intuição irrefutável – de um espírito, quer se trate do espírito divino, ou do espírito do orador para impor, ou pelo menos propor, a todos, a conclusão às quais ele próprio chega” . PERELMAN, Chaim. Argumentação. In: *Enciclopédia Einaudi. Oral/Escreto. Argumentação.* Vol. 11. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987, pp. 207-265, p.. 241.*

Batista, outros, tu és um dos profetas; então Pedro entre todos, sem nenhuma vacilação, disse: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo* (Mt 16, 17).(…)”³¹

Articuladas a esse versículo bíblico, estão outras três passagens em que este mesmo personagem, Pedro - dentro da argumentação do Beato – teria se colocado nessa perspectiva afirmativa das duas naturezas, mesmo que em duas delas tenha negado conhecer o “homem Jesus”:

*(...) pois quem nega o homem, nega a Deus; porque Deus é o homem, e o homem Deus, e Deus e o homem são o filho unigênito Cristo Filho de Deus. Pedro, que pilota esta nave, o negou como homem, pois disse: Não conheço este homem (Mt 26, 72). Pois não disse: não conheço esse Deus. E quando foi perguntado pelo homem: Quem disse que sou, o Filho do homem? (Mt 16,16), então um homem respondeu ao homem: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Ao mesmo Cristo, Filho de Deus vivo, negou quando disse: não conheço este homem (Mt 26, 72).*³²

Enquanto a negação se fez sobre as “trevas” da noite e da prisão de Jesus:

*(...) Mas quando negou, Cristo permanecia atado, estava diante do procurador, era golpeado com tapas e socos, era cuspidor. Era noite, estava escuro e frio; estava no pretório, a criada mantinha a porta fechada. O Espírito Santo não era ainda conhecido plenamente por Pedro: porque Jesus ainda não havia sido glorificado (Jn 7, 39).*³³

A afirmação das duas naturezas se fez em um momento de ação de Jesus junto aos homens:

*(...) Mas quando confessou a Cristo, como Filho de Deus vivo, Jesus não estava só, mas era seguido por uma multidão, cujos mortos ressuscitava, aos cegos devolviam a visão, curava seus leprosos, expulsava demônios, sanava diversas enfermidades.*³⁴

Em seguida a esta afirmação, o autor inaugura um novo desencadeamento discursivo que ancora o Novo Testamento ao Antigo. O texto de Isaías 28, 18 é chamado para a testemunha. Usando dos recursos da interpretação tipológica, o Antigo Testamento é

³¹ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit* Livro I, 3.

³² BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro I, 2.

³³ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro I, 3.

³⁴ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro I, 3.

reatualizado pelo Novo. Sião torna-se a Igreja, Javé torna-se Cristo – ou seja, o próprio Deus -, o povo de Israel é Pedro e, conseqüente os santos Cristãos:

(...) Assim também se chama de pedra, depois de ser o primeiro a reconhecer Jesus como Pedra angular. Esta é a pedra da qual o Pai falou ao profeta Isaías: Em Sião eu ponho uma pedra eleita como angular, preciosa e fundamental; quem tem fé nela não vacila (Is 28, 16). É certamente a pedra na qual manda crer Deus. Sobre esta pedra disse o apóstolo Pedro: A pedra era Cristo (1 Cor 10,4). Certamente, a todos os santos que se fundamentam em Cristo são chamados pedras ou rochas; mas quando a Sagrada Escritura se refere à pedra e à rocha no singular, só se refere a Cristo. Quanto se diz pedra no plural, se refere aos membros, ou seja, aos homens santos que se fizeram firme por sua fortaleza.³⁵

Dentro deste jogo de linguagem, o autor convida seus leitores a atualizar a experiência da fé cristã, colocando as palavras de Pedro na boca daqueles que leem suas palavras:

(...) não somente Pedro disse, mas também nós hoje cremos no que crê Pedro. Pois quando hoje dizemos com o coração e a boca diante de toda a Igreja: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo, no momento que respondemos: não os revelou a carne e o sangue, mas meu pai que está no céu; esta verdade se disse a um, porque serve para todos.³⁶

O texto exerce aqui sua função performática. Enquanto escritura que se concretiza material, social e culturalmente no processo da leitura, da audição, ele se coloca nesse momento, como sujeito histórico. Como personagem que se insere no cotidiano da comunidade de leitores ao qual pertence, querendo se fazer passar como única possibilidade de compreensão do sagrado.

É claramente visível pelas características do gênero literário e pelos usos sociais para os quais esta obra foi produzida, que existe nela uma intenção do autor de desconstruir um discurso cujo objetivo seria intervir sobre as opiniões, as atitudes e mesmo o comportamento dos indivíduos, por meio da narrativa. Trata-se portanto, de uma arquitetura linguística que se organiza a partir de um falar em sentido universal e como tal, parte de verdades

³⁵ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro I, 3.

³⁶ BEATO DE LIEBANA, *Op. Cit.*, Livro I, 3

incontestáveis, valores universais, supostamente admitidos por todos. Há assim, uma preocupação em acordar a construção do discurso com o auditório, com o público leitor/ouvinte da obra, já que o que se quer com esta escritura é fazê-la responder aos problemas enfrentados pela Igreja de Astúrias frente à pressão política exercida por Toledo a essa região, assim como dar o apoio ao papado e ao governo carolíngio.

Conclusão

Como gênero literário, *Apologéticos* quer, claramente, refutar a tese dogmática em questão e os que a defendem, assim como reafirmar aquela que é considerada pelo autor, a verdadeira fé. Na argumentação do Beato, nem a escritura, nem o símbolo – Credo –, nem os pais da Igreja fizeram menção à afirmação de Elipando quanto a Jesus ser filho adotivo de Deus na humanidade. A tradição e a autoridade dos textos bíblicos e dos Pais da Igreja é convidada a testemunhar contra Elipando e seus seguidores. Este por sua vez, é colocado ao lado de homens que tiveram suas ideias sobre o cristianismo, condenados pelos concílios.

Elipando, o dogma que defende e a Igreja que está sob suas ordens - a Igreja Metropolitana de Toledo -, estão, dentro deste texto apologético, condenados como parte do corpo da Igreja no qual se localizam os maus cristãos, com os quais a Igreja teria inevitavelmente que conviver até o “Fim dos Tempos”. Transformados, dentro do discurso do Beato, em heresia e herético, ao adocionismo e seu defensor fica vetada a possibilidade de ser parte da “Igreja de Pedro” ou, de falar a partir dela.

Há na obra, portanto, um vasto indício das disputas políticas dentro do próprio corpo eclesiástico que, em larga medida, marcaram o processo de centralização do poder do papado romano, sobre a região que passou a ser chamada de cristandade num momento seguinte. Além disso, e de importância vital em nosso trabalho, *Apologético* nos permite perceber - pelo que foi apontado acima - os usos culturais dos textos bíblicos na sua relação dialética com o meio social e político³⁷ durante a Alta Idade Média, ou seja, a forma como eles se materializaram culturalmente no processo de legitimação da ortodoxia e institucionalização eclesial e, conseqüentemente, na definição das heresias, já que, como nos afirma Jérôme

³⁷ LAUWERS, Michel. Usages de la Bible et institution du sens dans l'Occident Médiéval. In: *Revue Médiévale*. N° 55, 2008, p. 4. Consultado em 30 abril de 2015. URL : <http://medievales.revues.org/5436>.

Baschet, foi a institucionalização da Igreja que criou a exclusão e, nesse sentido, foi ela própria quem moldou inimigos sobre os quais se deu por tarefa triunfar.³⁸

Referências Bibliográficas

ARNALDI, Girolamo. Igreja e Papado. In: LE GOFF, Jacques e SCHITT, Jean-Claude. **Dicionário do Ocidente Medieval**. Vol. I. Bauru, SP: Edusc, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A linguagem da violência**. In: CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 2012

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Editora Globo, 2006.

Beato de Liébana. Apologético. In: Beato de Liébana. **Obras completas y complementarias I e II. Comentário al Apocalipsis, Himno “O Dei Verbum”, Apologético**. . Edición bilingüe preparada por J. G. Echegaray, A. del Campo y L. G. Freeman. Madrid: BAC, 2004, pp. 655-923.

BROWN, Peter. **A Ascensão do cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editora Presença, 1999.

DAHAN, Gilbert. Les Pères dans l'exégèse médiévale de la Bible. In: **Revue des sciences philosophiques et théologiques**. 2007/1 (TOME 91), p. 109-127. DOI 10.3917/rspt.911.0109. Visto em 20 de junho de 2015, <http://www.cairn.info/revue-des-sciences-philosophiques-et-theologiques-2007-1-page-109.htm>.

DUBOIS, Jean-Daniel. Polêmicas, poder e exegese: o exemplo dos gnósticos antigos no mundo grego. In: **Inventar a Heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009, pp. 15-38.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria. Construção e interpretação da metáfora**. São Paulo, SP: Hedra; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006

HERNÁNDEZ, A. Del Campo. Introdução. In: Beato de Liébana. **Obras completas y complementarias I. Comentário al Apocalipsis, Himno “O Dei Verbum”, Apologético**. Edición bilingüe preparada por J. G. Echegaray, A. del Campo y L. G. Freeman. Madrid: BAC, 2004, pp. 657-672.

LAUWERS, Michel. Usages de la Bible et institution du sens dans l'Occident Médiéval. In: **Revue Médiévales**. Nº 55, 2008, p. 4. Consultado em 30 abril de 2015. URL : <http://medievales.revues.org/5436>.

PERELMAN, Chaim. Argumentação. In: **Enciclopédia Einaudi. Oral/Escrito. Argumentação**. Vol. 11. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987, pp. 207-265.

WEISS, Jean-Pierre. O método Polêmico de Agostinho no *Contra Faustum*. In: _____. **Inventar a Heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009, pp. 39-55.

³⁸ BASCHET, op. cit. p. 243.

RICHÉ, Pierre. Écoles et enseignement dans le Haut Moyen Age. Fin du V^o siècle – milieu du XI^o siècle, Paris: Picard Éditeur, 1999.